



Geledés Instituto da Mulher Negra

PROJETO PROMOTORAS LEGAIS POPULARES NA PREVENÇÃO DAS DST/HIV/AIDS/HEPATITES

Promotoras Legais Populares difundem informações sobre DST, HIV e aids na zona leste

No extremo leste de São Paulo, duas mulheres negras conversam desoladamente. Enquanto uma conta dos maus tratos que sofre do companheiro alcoolizado em casa, a outra relata o modo como foi tratada em um serviço de saúde. Entretidas com suas dores, não se escutam, apenas desabafam. Mas uma promotora legal popular ouve o lamento, apresenta-se e explica às mulheres que uma sofreu violência doméstica e a outra teve seus direitos humanos violados, iniciando uma orientação para que elas

não sejam submetidas a essas situações novamente. A cena não ocorreu, mas não foge muito das encenadas por lideranças comunitárias em uma oficina de psicodrama do Projeto Promotoras Legais Populares na Prevenção das DST/HIV/Aids e Hepatites.

Previsto inicialmente para capacitar Promotoras Legais Populares a difundir informações sobre doenças sexualmente transmissíveis (DST), HIV, aids e hepatites e incentivar o acesso da população de Cidade Tiradentes e São Mateus aos serviços de saúde, o projeto se expandiu. Além de territorial, o aumento da abrangência foi populacional, conta Élide Miranda, pedagoga e coordenadora do projeto do Instituto da Mulher Negra - Gele-

dés. "Quando iniciamos a articulação comunitária, nós tivemos a inclusão de lideranças de Guaianazes, Ermelino Matarazzo e São Miguel Paulista. Elevando em consideração que a população jovem, sobretudo quando se faz o recorte racial, é a principal vítima da epidemia do HIV e da aids, nós incluímos a juventude também, o que foi muito bom."

A Promotora Legal Popular (PLP) é uma liderança que orienta e acompanha pessoas da comunidade no acesso aos serviços públicos, seja de saúde, de assistência social ou de justiça, em casos de violação de direitos humanos, sobretudo violência doméstica. "Capacitar promotoras legais populares com informações específicas

em DST, HIV e hepatites foi central no projeto, porque, se elas lidam com mulheres vítimas de violência e se dominam os primeiros protocolos de atendimento à saúde, também podem orientar essas mulheres em relação à epidemia de HIV e aids”, diz Élide.

As PLP mapearam as lideranças e estas mobilizaram a comunidade. Então, foi criada uma comissão de representantes de PLP por região. “Foi uma construção muito bonita. Seria muito pretensioso organizar esse processo de cima para baixo porque as lideranças estão ali e é a comunidade que tem de apontar quem são os atores que precisam ser mobilizados e incluídos nesse diálogo. Foi um processo coletivo de construção das mulheres.”

“O caminho é fazer alguma coisa porque as mulheres negras estão morrendo mais de aids”

Lideranças mapeadas, foram realizadas oficinas sobre prevenção das DST, do HIV, aids e das hepatites virais, e sobre uso de álcool e outras drogas, “sempre problematizando o cotidiano, partindo do pessoal para trabalhar as questões coletivas”, ressalta Élide. “Empregamos a metodologia de Paulo Freire, que contextualiza a formação. Nessa perspectiva trabalhamos com teatro, com cinema, com diversas ferramentas que possibilitam uma reflexão crítica do mundo. Trabalhamos com as pessoas utilizando o psicodrama, que só funciona a partir da realidade do sujeito”, explica a pedagoga.

Segundo Élide, as mulheres negras morrem mais de aids do que as mulheres não negras, muito em razão do racismo institucional e da diferença no atendimento médico. “A formação fortalece essas mulheres para a utilização desses serviços, a partir da compreensão de que o atendimento igualitário é um direito, de que não deveria existir diferença no tratamento em razão da condição racial e de qual é o perfil do profissional que nós queremos nos serviços de saúde. Essas questões nós

problematizamos pensando sempre no que a Constituição Federal diz em relação à acessibilidade e no que o SUS (Sistema Único de Saúde) diz em relação ao atendimento.”

As oficinas também foram ampliadas. Foi incluída a gestão local, tanto da Cidade Tiradentes quanto de São Mateus. “Os Centros de Testagem e Aconselhamento (CTA) e a Supervisão Técnica de Saúde participaram juntos e escutaram as lideranças comunitárias. Isso para nós foi um salto qualitativo, porque foi um projeto que mobilizou efetivamente as pessoas. Vimos pessoas que transformaram suas vidas, que passaram a utilizar os serviços de saúde e que romperam a barreira do acesso ao serviço.”

Ao final, para Élide, o projeto apresentou dois principais resultados. O primeiro foi a articulação entre as PLP e os serviços de saúde. “O segundo ponto foi a discussão do racismo institucional. Por que as mulheres negras morrem mais de aids do que as mulheres não negras? Estamos discutindo o perfil profissional e institucional dos serviços de saúde, que contradiz tanto a Constituição quanto o SUS. Estamos dizendo que o caminho é fazer alguma coisa porque as mulheres negras estão morrendo mais de aids”, finaliza.

GELEDÉS

Geledés - Instituto da Mulher Negra
Projeto Promotoras legais populares na Prevenção das DST/HIV/Aids e Hepatites



População Prioritária

- ✓ Pessoas em situação de pobreza
- ✓ Pessoas em situação de rua

Área de Atuação

- ✓ Promoção e Prevenção
- ✓ Promoção de Direitos Humanos

